

Do cinzento abismo espiritual ao surgimento de um pensamento autônomo Rudolf Steiner

GA 187* Terceira palestra^[NT] Dornach, 25 de dezembro de 1918

Tradução: Salvador Pane Baruja, 14/10/2024

Uso particular e sem fins lucrativos

{NT} A partir da última semana de advento de 1918 e até 1º de janeiro de 1919, Rudolf Steiner proferiu oito palestras em Dornach e em Basileia. A Primeira Guerra Mundial tinha acabado e o ambiente na neutra Suíça era de abertura para o novo. “Libertos da longa pressão da guerra, neste primeiro Natal da paz, os ouvintes queriam colher esperança e esperavam impulsos de um movimento espiritual que lhes permitisse perscrutar diretamente a vida. A receptividade dos ouvintes permitiu que Rudolf Steiner pudesse debater aspectos difíceis da pesquisa da ciência espiritual de uma forma nova e especialmente veemente”. A avaliação é dos editores R. Friedenthal e J. Waeger da GA volume 187, que inclui a palestra abaixo traduzida ao português. O título da palestra consta de uma frase de Rudolf Steiner à página 13. Helene Finckh taquigrafou as palestras; os desenhos são de Assja Turgenieff.

Entre as várias alusões feitas semana passada à renovação do pensamento natalino¹, falei a respeito de como o verdadeiro ser humano interior, que vem do mundo espiritual e se liga ao que lhe é dado a partir da corrente hereditária, ao entrar na existência que transcorre entre o nascimento e a morte traz consigo um certo impulso de igualdade. Eu disse que, observando sensatamente, seria possível captar como esse impulso da igualdade se faz valer na criança. A criança ainda não conhece as diferenças que se apresentam na estrutura social da humanidade como resultado das circunstâncias às quais o ser humano é conduzido pelo carma.

Eu disse também que, visto de maneira clara e isenta, certas habilidades e talentos pessoais, e até a aptidão excepcional, se apresentam de tal forma que, muitas vezes, atribuímos às forças que vivem nessas habilidades e talentos e até na aptidão excepcional os impulsos que agem na linha hereditária do ser humano. E que, inicialmente, considera-se esses impulsos que se apresentam no decorrer natural da corrente hereditária como sendo impulsos luciféricos. Na atual época cultural, o homem só pode usar esses impulsos corretamente na estrutura da sociedade quando os reconhece como sendo luciféricos e quando é educado para se desfazer deles, para, de certa forma, levá-los ao altar do Cristo e transformar, metamorfosear, aquilo que a natureza lhe transmitiu.

Portanto, temos dois pontos de vista. O primeiro refere-se ao que tem a ver com as diferenças que se apresentam à humanidade através da consanguinidade, das relações geradas pelo nascimento. O segundo consiste em que, no início da vida terrestre, o verdadeiro centro da essência humana carrega em si fundamentalmente o impulso da igualdade. Assim, vê-se que só é possível observar corretamente o ser humano quando considerado no decorrer da sua vida, durante o seu desenvolvimento temporal entre o nascimento e a morte. Em relação a outro aspecto, apontamos aqui que os motivos do desenvolvimento mudam ao longo da vida entre o nascimento e a morte.

Por outro lado, no meu ensaio sobre os elementos luciférico e arimânico no ser humano publicado no último número da revista *Reiches*² apontei também para esses motivos do desenvolvimento a partir de outra perspectiva. Nele mostrei como o elemento luciférico exerce determinada influência na primeira metade da vida {humana}, como o arimânico o faz na segunda metade e como ambos os impulsos agem ao longo de toda a vida, mas de maneiras diferentes.

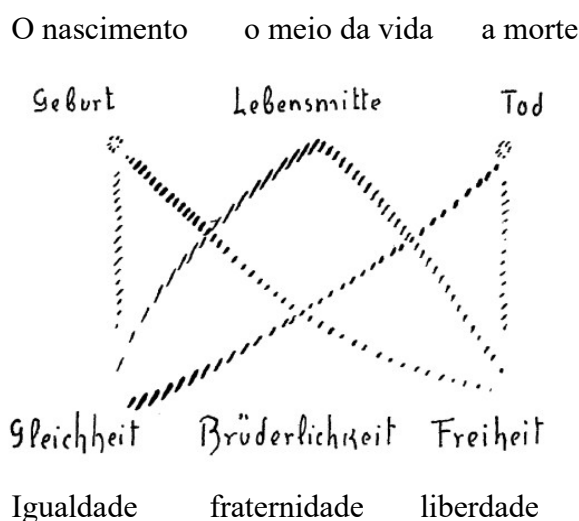
1 Refere-se à primeira palestra deste ciclo: *O nascimento de Cristo na alma humana*, tradução de Leonore Bertalot, junho de 1992, São Paulo, disponível em www.festascristas.com.br

2 Trata-se do ensaio Os elementos luciférico e arimânico no ser humano (1918), incluído na GA volume 35 *Filosofia e Antroposofia*, Rudolf Steiner Verlag, Dornach, 1984.

Como eu disse domingo passado, além da idéia da igualdade, nos últimos tempos outras idéias têm penetrado, tumultuando, o tranquilo desenvolvimento do futuro, de certa forma antecipando aquilo que lentamente a humanidade deve vivenciar no seu desenvolvimento, se é que isso deve ocorrer para o bem e não para o mal. No que diz respeito ao significado dessas outras idéias para o significado da vida além da igualdade, elas só podem ser compreendidas e valorizadas corretamente se forem colocadas corretamente no devir da existência física humana. No mundo atual, além da idéia da igualdade, ecoa a idéia da liberdade. Tempo atrás³, fiz referência à idéia da liberdade por ocasião da nova edição do meu livro *A filosofia da liberdade* {NT: Obra Completa volume 4, Editora Antroposófica, São Paulo, 1ª edição, 2022}.

Portanto, estamos em condições de valorizar toda a importância e o alcance dessa idéia da liberdade em relação à mais íntima essência do ser humano. Possivelmente, também alguns dos senhores sabem que, devido a perguntas que surgem vez por outra, tornou-se importante apontar para a particularidade que a concepção da liberdade possui no meu livro *A filosofia da liberdade*. Sempre considerei necessário enfatizar especialmente um ponto de vista com respeito à idéia da liberdade. Nos tempos atuais, as mais diversas tendências filosóficas cometem um erro em relação à liberdade, se é que se pode falar de um erro, na medida em que perguntam: o ser humano é livre ou não? É possível atribuir o livre arbítrio ao ser humano ou deve-se somente considerar que este se encontra como que num absoluto imperativo natural e que, mesmo em meio desse imperativo natural, pratica seus atos, realiza suas decisões, baseado no livre arbítrio? A questão está colocada de maneira equivocada. Não existe esse tudo ou nada. Não se pode dizer que o ser humano ou é livre ou não é livre, mas que ele se encontra num processo que passa da ausência de liberdade para a liberdade. Os senhores encontram assinalado no meu livro *A filosofia da liberdade* a maneira como o ser humano torna-se gradualmente cada vez mais livre, como ele se desfaz desse imperativo e crescem nele os impulsos que lhe permitem ser um ser livre em uma outra ordem do mundo.

Assim, o impulso da igualdade {do ser humano} encontra a sua culminação no ato do nascimento, mesmo que ainda não tenha desenvolvido essa consciência e nem viva nela, e depois entra em declínio. O impulso da igualdade tem portanto um desenvolvimento descendente. Esquemáticamente, podemos desenhar isso da seguinte maneira:



³ A palestra foi proferida em 27 de outubro de 1918 e publicada na GA volume 185 *Sintomatologia histórica*, Rudolf Steiner Verlag Dornach, quarta edição, 2010.

A idéia de igualdade encontra sua culminação no ato do nascimento {do ser humano} e a igualdade descreve uma curva descendente. Com a idéia de liberdade ocorre exatamente o contrário. A liberdade descreve uma curva ascendente e culmina com a morte. Eu não quero dizer que, na medida em que a pessoa atravessa o limiar da morte, chega ao mais elevado ponto que um ser livre pode atingir. Contudo, em relação à existência humana, a pessoa desenvolve cada vez mais o impulso da liberdade à medida que avança em direção ao momento da morte. E, relativamente, ele desenvolveu em grande parte a possibilidade de ser livre no momento em que, passando pelo limiar da morte, ele entrar no mundo espiritual.

Portanto, ao entrar na existência física através do nascimento, o ser humano traz consigo a igualdade do mundo espiritual, que logo se desenvolve de maneira descendente no devir da vida física. Ele desenvolve justamente nesse devir o impulso da liberdade e, após ultrapassar o limiar da morte, ascende ao mundo espiritual, levando consigo o mais elevado grau do impulso da liberdade que atingiu no devir da vida física.

Assim, os senhores podem ver que, por outro lado, a entidade humana é frequentemente percebida de maneira unilateral. O fator tempo não é considerado {nessa percepção parcial} da entidade humana. Fala-se do ser humano em sentido geral, de maneira abstrata, porque hoje em dia não existe a tendência de prestar atenção às realidades. Mas a pessoa não é um ser que fica parado, pois é um ser em gestação. E, enquanto mais ele gerar por conta própria a oportunidade de mudar, de certa forma mais realizará já aqui na existência física a sua verdadeira tarefa. As pessoas que se tornam rígidas têm a tendência de desenvolver menos a sua missão aqui na Terra. Os senhores não são mais hoje o que ontem foram e o que hoje são não serão mais amanhã.

Aliás, aqui existem sutis nuances. Quem conhece essas nuances está bem posicionado na vida, porque ficar parado {no desenvolvimento da vida} é um estado arimânico. Até certo ponto, a pessoa não deveria viver um único dia sem acolher pelo menos *um* {NT: no original} pensamento que mude um pouco a sua essência, que lhe ofereça a possibilidade de ser uma entidade em evolução, e não apenas um ser que existe. Portanto, só é possível observar a verdadeira natureza do ser humano quando não se fala em sentido absoluto que ele tem a pretensão à liberdade e à igualdade, mas quando se sabe que o impulso à igualdade atinge a sua culminação no início da vida, assim como o impulso à liberdade chega à culminação no final da vida.

Somente quando se consideram estes aspectos é que se torna possível observar a complexidade do devir humano também ao longo de sua existência na Terra. E quando {também} simplesmente não se olha de maneira abstrata a totalidade do ser humano e se diz que ele tem a pretensão de ver realizada na estrutura social a liberdade, a igualdade e por aí afora. Esses são os aspectos que novamente devem ser levados à alma humana pela ciência espiritual, que foram ignorados pelo mais novo desenvolvimento, que anseia pela abstração e, assim, pelo materialismo.

Vejamos agora o terceiro impulso, o da fraternidade. Caracteriza-se por atingir, de certa forma, a sua culminação no meio da vida. A sua curva ascende e depois cai (veja desenho à página 2). A esse respeito, só se pode dizer que, no meio da vida, quando a pessoa se encontra no estágio mais frágil da relação do seu lado anímico com o físico, quando mais essa relação balança, aí maior é a sua predisposição a desenvolver a fraternidade. Não que ele vá desenvolvê-la inexoravelmente, mas conta com essa predisposição. Pode-se dizer que no meio da vida surgem as mais fortes condições para o desenvolvimento da fraternidade.

É assim que esses três impulsos estão distribuídos ao longo da totalidade da vida do ser humano. Na época em que vivemos, é necessário considerar o seguinte para chegar à compreensão do homem e, evidentemente, também do chamado autoconhecimento. Só será possível chegar a ter idéias corretas a respeito da convivência humana se as pessoas souberem como esses três impulsos estão distribuídos na biografia pessoal. De certa maneira, só seria possível vivê-los concretamente se a pessoa tiver conhecimento da configuração especial desse impulso interior da essência humana, pois, caso contrário, um jovem não poderá saber qual é a sua relação específica com uma pessoa idosa, nem esta saberá da sua relação com um adulto.

Vamos resumir o que discutimos agora junto com observações que fizemos em palestras anteriores a respeito do progressivo rejuvenescimento do gênero humano. Os senhores lembram que eu debati a curiosa dependência que o ser humano tem da corporalidade em relação ao seu desenvolvimento anímico⁴. Hoje em dia, ele só tem essa dependência nos seus anos mais jovens, mas nos períodos anteriores das épocas pos atlantes isso era sentido até na velhice. Na antiga cultura indiana, disse eu, o ser humano era muito dependente do chamado desenvolvimento físico até a fase dos cinquenta anos de idade enquanto a pessoa hoje em dia vive essa situação durante a sua juventude. O ser humano depende do seu desenvolvimento físico nas etapas iniciais de sua vida na Terra.

Sabemos a ruptura que a dentição gera no desenvolvimento físico da criança, que depois vem a puberdade e assim por diante. Nos primeiros anos do desenvolvimento, vemos claramente um paralelo entre o desenvolvimento físico e o desenvolvimento anímico. Anos depois, esse paralelo deixa de existir. Eu apontei {em palestras passadas} que isso não aconteceu nos períodos anteriores à época pos atlante. Os antigos indianos e os antigos persas reverenciavam a elevada sabedoria transmitida pela natureza, que eles atingiam naquelas épocas pelo simples fato de serem humanos. Essa possibilidade existia, porque a situação naquelas épocas era diferente da atual, pois, na atualidade, um jovem entre os 20 e 30 anos de idade já é um ser pronto, ele não é mais dependente de sua organização física.

O jovem nessa faixa etária não recebe {atualmente} mais nada da organização física. Antigamente, isso era diferente. A pessoa recebia na alma a sabedoria dada pela organização física até bem entrada na casa dos cinquenta anos. Mesmo sem atingir um desenvolvimento oculto especial, a pessoa contava com a possibilidade elemental de sugar as forças do desenvolvimento corporal para chegar a uma certa sabedoria e ao aprimoramento da vontade. Chamei a atenção dos senhores quanto ao significado disso para o jovem ou a jovem nas antigas épocas indiana, persa e mesmo ainda para quem viveu na época egípcia e caldeica. Eles eram instruídos no sentido de que, quando chegarem a uma idade avançada, poderiam esperar que, pelo simples fato de envelhecer, surgiria na sua vida aquilo que lhes era concedido para se desenvolver até a hora da morte.

Também fazia parte da cultura que o idoso era olhado com devoção, porque sabia-se que, na idade avançada, algo agia na vida, algo que não era possível nem saber nem querer saber, enquanto ainda se era jovem. Tudo isso dava uma certa estrutura ao conjunto da vida social, que de fato só mudou durante a época greco latina, quando esse processo ainda se estendeu até as pessoas de idade média. Na antiga cultura indiana, a pessoa ainda podia se desenvolver até os seus cinquenta anos de vida.

⁴ Veja a palestra de 11 de janeiro de 1918 na GA volume 180 *Verdades de mistérios e o impulso de Natal. O significado de antigos mitos* Rudolf Steiner Verlag Dornach, segunda edição, 1980.

A partir daí, houve um rejuvenescimento do ser humano, ou seja, durante a época da antiga Pérsia, a sua capacidade de desenvolver-se recuou para a faixa etária do final dos quarenta anos. Na época egípcia e caldeica, recuou para a idade entre os trinta e cinco e os quarenta e dois anos e, no período greco romano, o ser humano só podia se desenvolver entre os vinte e oito e trinta e cinco anos de idade.

Quando o mistério do Gólgota ocorreu, o ser humano só podia se desenvolver mesmo até os trinta e três anos de idade. É maravilhoso descobrir na história do desenvolvimento do ser humano que a idade do Cristo Jesus, que morreu na colina do Gólgota, coincide com a idade à qual naquela época a {capacidade de desenvolvimento da} humanidade tinha recuado. Também tínhamos apontado para a situação de que a humanidade tornava-se cada vez mais jovem, ou seja, que tinha menos anos à disposição para desenvolver-se, o que é muito significativo, porque hoje em dia {1919} a pessoa entra na vida pública quando tem vinte e sete anos de idade e nada mais fica sabendo {da vida e de si mesmo}, além do que recebeu de fora até esse momento.

Eu disse que exatamente por isso *Lloyd George*⁵ {NT: em itálico no original} representa o ser humano de nossa época, porque aos vinte e sete anos de idade entrou na vida pública. Imensas são as consequências disso, como os senhores podem ler na biografia de *Lloyd George*. E são essas situações que permitem compreender as relações do mundo a partir do seu interior.

Bom, qual a principal questão para os senhores quando olhamos do ponto de vista de que o gênero humano torna-se cada vez mais jovem e ligamos isso com o que observamos anímicamente nos últimos dias em relação ao pensamento de Natal? É característico do atual desenvolvimento após o mistério do Gólgota que, a partir do trinta anos de idade, realmente não podemos receber, a partir do nosso organismo, o que a natureza oferece ao homem. Se não tivesse acontecido o mistério do Gólgota, nós teríamos de certa forma perambulado pela Terra, dizendo que nós de fato realmente só vivemos até os trinta e dois anos de idade, no máximo até os trinta e três.

Até aí o nosso organismo {físico} nos concede a possibilidade de viver e, da mesma forma, depois poderíamos morrer. Isso porque, através dos eventos naturais básicos, pelo decorrer da natureza, não podemos receber mais nada através dos impulsos do nosso organismo para o nosso desenvolvimento anímico. Nós deveríamos dizer justamente isso, se não fosse pelo mistério do Gólgota que ocorreu. Se não tivesse ocorrido o mistério do Gólgota, a Terra estaria cheia das lamentações das pessoas, que diriam: “realmente, que vida tenho a partir dos trinta e três anos de idade! Até essa idade, ainda é possível que o meu organismo me dê algo. Mas depois eu poderia morrer, porque eu de fato ando aqui pela Terra como se fosse um cadáver vivo”.

Muitas pessoas sentiriam que perambulam pela Terra como se fossem cadáveres vivos, se não tivesse ocorrido o mistério do Gólgota. Só que esse mistério do Gólgota ainda deve frutificar. Não deveríamos acolher inconscientemente o impulso do Gólgota, como é o caso dos seres humanos, mas deveríamos recebê-lo conscientemente.

Deveríamos receber o impulso do Gólgota de uma maneira que, de certa forma, nos permita permanecer jovens e radiantes até uma idade avançada. E graças a ele podemos ficar jovens, sadios e radiantes quando o recebemos conscientemente da maneira correta. E ganharemos a consciência dessa efeito refrescante do mistério do Gólgota para a nossa vida. Meus caros amigos, isso é importante!

5 David Lloyd George, 1863-1945, ministro britânico em 1905 e, de 1916 a 1922, primeiro ministro.

Os senhores podem constatar que o mistério do Gólgota pode ser interpretado como algo muito vivificante durante a nossa vida na Terra. Eu disse anteriormente que os seres humanos têm a predisposição à fraternidade no meio da vida, em torno dos trinta e três anos de idade. Mas eles nem sempre constroem essa fraternidade. Essa é a razão do que acabei de falar. As pessoas que não constroem a fraternidade, que lhes falta a fraternidade, são mesmo menos espiritualizadas.

Como o ser humano, de certa forma, como que morre na metade da vida devido à ação das forças naturais, ele não pode desenvolver corretamente nem o impulso da fraternidade nem o da liberdade, que hoje em dia são muito pouco acolhidos, a menos que o ser humano vivifique no seu íntimo pensamentos que provêm diretamente do impulso crístico. É por isso que o impulso crístico constitui diretamente o estímulo à fraternidade, na medida em que nós a ele nos dirigimos. No futuro será diferente, mas na atualidade a pessoa sozinha não chegaria a desenvolver a totalidade da força do impulso da liberdade durante o resto de sua vida do planeta Terra.

É por isso que aquilo que fluiu pela morte do Cristo Jesus e se uniu à humanidade no desenvolvimento da Terra entra no ser humano durante o desenvolvimento da Terra. Logo, na atualidade é o Cristo quem essencialmente dirige a humanidade para a liberdade. Seremos livres no Cristo quando entendermos o impulso crístico, quando soubermos aceitar que o Cristo não podia ultrapassar os trinta e três anos de idade no corpo físico, ou não podia ter vivido mais do que isso no corpo físico. Falando em tese quando dissemos que, se o Cristo tivesse vivido mais do que trinta e três anos, ele teria habitado um corpo físico numa época em que esse corpo estava realmente destinado a desaparecer a essa idade no presente desenvolvimento da Terra.

Tivesse acontecido dessa maneira, o Cristo teria absorvido as forças da morte. Tivesse chegado à idade de quarenta anos, teria absorvido no corpo físico as forças da morte. Ele não pode ter querido vivenciar isso. Ele só pode ter querido vivenciar aquelas forças que ainda rejuvenescem o ser humano. O Cristo age no ser humano até a idade de trinta e três anos estimulando a fraternidade e, depois, transfere para o espírito, para o Espírito Santo, aquilo que deve dar força ao ser humano no seu desenvolvimento. Através do Espírito Santo, do espírito sanador, o ser humano se desenvolve até o fim de sua vida rumo à liberdade. É assim que o impulso crístico se integra à vida concreta do ser humano.

É isso que o saber humano deve acolher como o novo pensamento de Natal, que o princípio crístico penetra intimamente a essência humana. É necessário saber de que forma o ser humano chega à Terra oriundo do mundo espiritual com o impulso da igualdade. Isso é algo que lhe foi dado, algo que de certa forma fluiu do Deus Pai. Mas a culminação da fraternidade só pode ocorrer corretamente através da ajuda do Filho, enquanto que o desenvolvimento do impulso à liberdade através do Cristo unido ao espírito penetra no desenvolvimento da humanidade até a morte do ser humano.

Essa contribuição do impulso crístico à organização concreta da humanidade é o que a partir de agora as almas deve aceitar conscientemente. Isso só será efetivamente sanador quando as exigências dos seres humanos forem crescentemente penetrantes e candentes em relação à maneira de como se conforma a estrutura social. Ocorre que nessa estrutura social vivem crianças, jovens, adultos e idosos e que só poderemos achar uma estrutura social que incluía todos quando soubermos que os seres humanos não são simplesmente iguais entre si. A criança de cinco anos é um ser humano, o jovem de vinte anos, a jovem de vinte anos, é um ser humano, quem tem quarenta anos de idade é um ser humano, todos são seres humanos. Mas essa mistura caótica não conduz ao necessário conhecimento do ser humano para preencher as exigências do futuro e também as do presente.

Essa mistura caótica leva, no máximo, as pessoas a dizer que o ser humano é {sempre} um ser humano e, portanto, deve ser eleito para o Parlamento aos vinte anos de idade. Isto destrói a verdadeira estrutura social, porque na atualidade as pessoas não querem observar o ser humano e daí surge essa consciência humana, que aceita o ser humano concreto assim como ele é. Acontece que, em termos concretos, não existe a abstração “ser humano”, mas é sempre um homem concreto de uma determinada idade com impulsos específicos. É necessário alcançar o conhecimento do ser humano, mas na medida em que se considere o desenvolvimento daquilo que é a essência humana do nascimento até a morte. É isso que deve acontecer! Possivelmente, as pessoas só se sentirão inclinadas a incorporar esses temas à consciência da humanidade quando, por outro lado, estiverem em condições de olhar retrospectivamente o desenvolvimento da humanidade.

Ontem {NT: Steiner refere-se à palestra “A entrada no cristianismo no curso do desenvolvimento da humanidade”} mencionei aquilo que penetrou no desenvolvimento da humanidade através do cristianismo, na medida em que o cristianismo, de certa forma, nasceu a partir da alma judaica, do espírito grego e da corporalidade romana. Estes se tornaram, até certo ponto, os envoltórios do cristianismo. Mas o Eu vivo está no cristianismo e isso pode ser observado isoladamente por meio de uma retrospectiva do seu nascimento. A história convencional considera que o nascimento do cristianismo foi bastante caótico. O que hoje geralmente se escreve sobre os primeiros séculos do cristianismo é uma sabedoria bastante caótica, seja do ponto de vista do catolicismo, seja do protestantismo.

Pode-se dizer que, para o teólogos da atualidade, parte daquilo que viveu nos primeiros séculos do cristianismo é justamente algo que, na sua verdadeira essência, foi esquecido completamente ou se transformou em um horror. Os senhores só precisam ler como as estranhas convulsões intelectuais chegam a ser uma espécie de epilepsia intelectual, quando elas tentam caracterizar aquilo que viveu como sendo o gnosticismo nos primeiros séculos do cristianismo. Esse gnosticismo é mesmo uma espécie de diabo, algo demoníaco, que razoavelmente não deveria entrar na vida humana! Quando um teólogo ou qualquer outro representante oficial de alguma confissão acusa a antroposofia de que teria pontos em comum com o gnosticismo é porque ele acredita que é o pior que pode ser dito {NT: contra a antroposofia}.

Na base de tudo isso está o fato que, nos primeiros séculos do desenvolvimento do cristianismo, o gnosticismo efetivamente agiu de maneira muito mais significativa na vida espiritual da humanidade européia do que hoje se imagina. De um lado, não se sabe o que o gnosticismo foi e, do outro, eu diria que existe um misterioso temor {NT: do gnosticismo}. Ele é algo *Horribles* {NT: no original} para a maioria dos atuais representantes de muitas confissões religiosas. Mas é possível observá-lo sem grande simpatia ou antipatia, como algo meramente factual. Para isso, é preciso estudar essa questão de ponto de vista da ciência oculta, porque a história convencional pouco contribui nesse sentido.

O desenvolvimento eclesiástico do ocidente fez com que praticamente todos os monumentos históricos do gnosticismo fossem destruídos a ferro e fogo. Como os senhores sabem, o pouco que ficou dela oferece uma imagem incompleta, como é o caso de *Pistis Sophia*^{NT} e documentos semelhantes. Fora disso, só se sabe a respeito do gnosticismo através das frases, com as quais os doutores da igreja o contestaram.

NT: São cinco manuscritos gnósticos do século II depois de Cristo, que, reunidos sob esse nome, relatam os ensinamentos do Cristo ressuscitado aos seus apóstolos e a Maria, a mãe de Jesus, a Maria de Magdala e a Marta. Uma tradução do grego antigo *Pistis Sophia* ao português poderia ser “A fé de Sophia”, sendo esta, no conceito gnóstico, o par feminino do Cristo, cujo par masculino seria o Redentor, segundo *Die Pistis Sophia*, tradução de Carl Schmidt, Leipzig Hinrichs Verlag, Leipzig, 1905.

O que se conhece provém, basicamente, da literatura dos seus adversários, enquanto que, aquilo que poderia oferecer uma visão histórica superficial, foi destruído a ferro e fogo. Bom, só o fato de que não existir uma avaliação sensata do desenvolvimento teológico do ocidente deixaria as pessoas pensativas, mas em geral não se faz essa avaliação sensata. Se, por exemplo, o desenvolvimento da dogmática cristã fosse observado sensatamente, seria possível concluir-se que ela deveria estar fundamentada em algo além do meramente arbitrário. No fundo, todos os dogmas têm suas raízes no gnosticismo. Só que o gnosticismo foi despido do seu conteúdo vital e só ficaram pensamentos abstratos e conceitos ociosos, de tal forma que não é mais possível reconhecer a origem vital desses dogmas. Mas, de fato, a origem vital {dos dogmas cristãos} provém do gnosticismo.

Se os senhores realmente acompanharem de perto o gnosticismo, na medida que ele pode ser estudado por meio da ciência espiritual, poderiam, de certa forma, iluminar os poucos elementos históricos que os seus adversários deixaram de lado. Os senhores possivelmente diriam que os restos do gnosticismo que ainda existiam na época da primeira época cultural pos atlante apontam para visões clarividentes do mundo muito divulgadas e de caráter muito atavístico, que foram menos {conhecidas} na segunda época cultural. Quando os últimos restos da antiga clarividência no mundo se perderam na terceira época, seus conteúdos conformavam o maravilhoso sistema conceitual do gnosticismo, que era extraordinariamente baseado em imagens.

Quem observar o gnosticismo a partir desse ponto de vista, quem estiver em condições de, pelos menos historicamente, recuar até os escassos restos mais abundantemente recuperáveis no gnosticismo pagão do que na literatura cristã, vai constatar que no gnosticismo de fato já existiam maravilhosos tesouros da sabedoria, uma sabedoria relativa a um mundo do qual as pessoas da atualidade nada querem saber.

É, portanto, nada estranho que, mesmo pessoas bem intencionadas, não encontrem o caminho que leva ao velho gnosticismo, como por exemplo o professor Jeremias⁶, de Leipzig, que tinha a boa disposição de dedicar-se ao tema. Mas ele não pode chegar a uma representação do que significam os antigos conceitos quando se fala da entidade espiritual Yaldabaoth⁷, que, tomado de certa arrogância, teria tentado se arvorar em senhor do mundo, mas fora repreendido pela sua mãe e por aí afora. Poderosas imagens como essa irradiam mesmo a partir do que é conservado historicamente, segundo as quais Yaldabaoth^{NT} diz: “Eu sou o Deus Pai, acima de mim não tem ninguém. E a mãe responde: ‘não minta, acima de você tem sobretudo o Pai, o primeiro ser humano e o filho do homem’”. Conta-se que Yaldabaoth chamou os seus seis colaboradores e que conversaram entre eles: “Vamos fazer o ser humano à nossa imagem” {NT: Yaldabaoth é considerado no gnosticismo tanto um ser malvado inferior, um anjo rebelde, quanto o criador do mundo material}.

Assim, temos aí um curioso diálogo entre Yaldabaoth e a sua mãe; depois ele chama outros seis companheiros e decidem: “Vamos fazer o ser humano à nossa imagem”. Essas imaginações, essas imagens, são muito elucidativas e existiam de maneira abundante e abrangente no gnosticismo que existiu. No Antigo Testamento, só há os restos daquilo que a tradição judaica preservou, de uma sabedoria imaginativa abrangente contida no antigo gnosticismo, que existiu predominantemente no oriente. Ela irradiou, porém, até o ocidente, onde foi se extinguindo lentamente apenas entre o terceiro e o quarto século depois do Cristo, e ainda chegou aos monges valdenses e cátaros, mas depois se extinguiu.

6 Não foi possível localizar a frase do teólogo Alfred Jeremias (1864-1935) sobre Yaldabaoth.

7 Quanto a Yaldabaoth, veja o livro *O gnosticismo, fundamentos de uma visão de mundo de uma nobre cultura*, de Eugen Heinrich Schmitt, Leipzig, 1903, Volume I O gnosticismo da Antiguidade, capítulo Os ofitas, assim como *Fragments of a fê desaparecida*, de G.R.S. Mead, Berlim 1902, capítulo Um sistema aparentemente anônimo segundo Irineu.

Na atualidade, as pessoas não elaboram muitos conceitos sobre as almas que viveram nos primeiros séculos cristãos, que, diferentemente dos católicos de hoje, não contavam somente com representações, mas também com ecos plenamente vivos desse mundo de imagens do gnosticismo. É muito diferente quando se olha retrospectivamente nas almas dos primeiros séculos nos países europeus civilizados, em comparação ao que teólogos, religiosos, leigos e outros estudiosos escreveram em livros sobre essa época. Nesses livros falta tudo aquilo que era vital nessas poderosas imagens, que, como eu disse, se referem a um mundo que as pessoas na atualidade não podem imaginar.

É por isso que uma pessoa educada nos padrões da atualidade não entende esses conceitos {elaborados nos últimos tempos} que lhe são apresentados. Ela não sabe o que fazer com Yaldabaoth, a sua mãe, os seis colaboradores e outras coisas semelhantes. A pessoa sente que são palavras, palavras ocas, não sabe a que se referem essas palavras. E muito menos sabe ele como é que as pessoas de então chegaram a criar essas representações mentais. Portanto, o homem da atualidade só pode dizer: “bom, os orientais de antigamente tinham uma enorme fantasia, eles criaram tudo isso fantásticamente!”.

É de se admirar que essas pessoas {teólogos, religiosos, leigos e outros estudiosos} não têm a menor idéia de que, na verdade, quem vive de maneira elemental tem pouca fantasia, que a fantasia tem pouquíssima influência na vida dos camponeses. Nesse sentido, os especialistas em mitos também contribuíram portentosamente. Eles imaginaram que as pessoas simples viam as nuvens impulsadas pelo vento e, através da fantasia, as remodelavam em todo tipo de seres. Atualmente, nada se sabe da constituição anímica das pessoas a quem se atribui tudo isso {a fantasia}, que elas estão muito longe de fabular poeticamente. A fantasia domina exclusivamente os círculos de especialistas em mitologia e de estudiosos, que podem imaginar algo assim. Essa é a verdadeira fantasia.

O que os especialistas imaginaram ser a origem da mitologia e coisas dessa natureza é um mero equívoco. Hoje em dia, as pessoas não sabem a que conceitos se referem as palavras que os especialistas utilizaram. Eu diria que, na verdade, não é mais possível levar corretamente em consideração os claros indícios do que se queria dizer com esses conceitos. Platão⁸ ainda chamou claramente a atenção para o fato de que o ser humano, enquanto vive aqui {NT: na Terra} no corpo físico, lembra um pouco do que ele vivenciou no mundo espiritual antes dessa vida terrena. Mas os filósofos da atualidade não sabem o que fazer com esse conhecimento da memória apresentado por Platão.

Também pode se dizer que foi uma fantasia de Platão, mas ele ainda sabia que a alma grega ainda tinha os últimos restos da predisposição de desenvolver em si mesma o que tinha vivenciado no mundo espiritual antes do seu nascimento na Terra. Quem durante a vida entre o nascimento e a morte só percebe com o corpo físico, e trabalha as percepções usando a atual racionalidade, não pode estabelecer nenhum tipo de ligação sensata com as observações realizadas no corpo físico entre o nascimento e a morte, mas vividas durante a morte e o novo nascimento, portanto antes do {novo} nascimento. As pessoas {conhecedoras do gnosticismo} estavam lá num mundo no qual podiam falar sobre Yaldabaoth, que, na sua soberbia, insurgiu-se {contra o pai}, foi advertido pela mãe e buscou apoio entre seus companheiros.

⁸ Platão, (427 antes de Cristo - 347), filósofo grego. Quanto à lembrança de vidas passadas, veja *Mênon*, de Platão, capítulo 15.

Esta é uma verdade para o ser humano enquanto ele se encontra entre a morte e um novo nascimento, assim como para o ser humano encantado no corpo físico o mundo do qual ele fala é constituído por outros seres humanos, plantas, animais e minerais. O gnosticismo contém aquilo que a pessoa ao nascer traz para o mundo material. De certa forma, foi possível ao ser humano até a época egípcia caldeica, portanto até o século oito antes do Cristo, trazer {à Terra} muito do que vivera entre a morte e um novo nascimento.

O gnosticismo é aquilo que foi trazido {do mundo espiritual à Terra} e revestido de conceitos, de idéias. Isso continuou vivo na época grega e latina, quando {o gnosticismo} não era mais sentido diretamente, mas persistia como herança sob a forma de idéias, quando somente espíritos escolhidos sabiam dessa origem, como Platão e, em menor grau, também Aristóteles. Sócrates⁹ também sabia disso, ele na verdade pagou com a morte por ter esse conhecimento. É preciso buscar a origem do gnosticismo.

Bom, como foi isso na quarta época pós atlante, na cultura grega e latina? Vejam os senhores que só se pode trazer algumas poucas lembranças do tempo pré-natal à vida {NT: na Terra}. Mas na época grega isso era possível com maior intensidade. As pessoas hoje em dia estão muito orgulhosas da força de pensar que têm, mas na verdade muito pouco podem entender usando essa força. Hoje em dia, a força do pensar é um objeto, do qual não se pode estar muito orgulhoso, pois com ela não dá para entender muito.

A força do pensar que os gregos {da antiguidade} desenvolveram era de outra natureza. À medida que o nascimento {de uma pessoa} avançava, de certa forma as imagens das vivências pré-natais desapareciam, mas ficava a força do pensar {NT: pré-natal} que {a pessoa} usara para ligar as imagens de uma maneira racional. Essa é a característica singular do pensar grego {da antiguidade}, que é muito diferente do nosso chamado pensar normal. Esse pensar grego é aquilo que se podia aprender na assimilação das imaginações que a pessoa tivera antes do nascimento.

As pessoas lembravam-se muito pouco das imaginações pré-natais, mas fundamentalmente o que ficou disso é o sentido agudo que a pessoa tinha antes do nascimento para orientar-se naquele mundo {NT: físico}, do qual ela gerava as imaginações. E justamente o declínio dessa força do pensar é o fundamental do desenvolvimento da quarta época cultural pós atlante, que, como os senhores sabem, foi até o século XV da nossa época, Agora, na quinta época, devemos desenvolvê-la a partir da cultura da Terra.

Devemos desenvolver essa força do pensar lentamente, como que gaguejando, a partir da visão de mundo própria das ciências naturais. Atualmente, estamos no início desse processo. Durante a quarta época cultural, isto é, entre o ano 747 antes de Cristo e o ano de 1413 depois de Cristo - nesse meio tempo, ocorreu o evento do Gólgota -, deu-se um permanente decréscimo da força do pensar. A partir daí, começou novamente a se desenvolver e até o final do terceiro milênio atingirá uma altura respeitável. A humanidade não deveria estar muito orgulhosa da sua atual força do pensar. Portanto, a força do pensar está em declínio. Os pensamentos que ordenaram e penetraram as imagens do gnosticismo ainda tinham a herança dessa força do pensar proporcionalmente bastante elevada. Já não era mais possível gerar imagens com a clareza, por exemplo, dos egípcios ou babilônios, mas ainda existia a força do pensar. E ela também passou a declinar gradualmente. Essa é a curiosa cooperação que ocorreu nos primeiros séculos do cristianismo.

9 Aristoteles (384 antes de Cristo – 322) e Sócrates (469 antes de Cristo – 399) foram filósofos gregos.

Quando o mistério do Gólgota irrompeu {na Terra} e o cristianismo nasceu, a declinante força do pensar, que no oriente ainda continuava muito viva e também tentava alastrar-se até a Grécia, buscava entender o evento. Já os romanos pouco entenderam disso. Contudo, essa força do pensar busca, de certa forma, compreender o evento do Gólgota do ponto de vista do pensar pré-natal, do ponto de vista do pensar a partir da existência no mundo espiritual. Só que nesse contexto ocorre algo inusitado: também o pensar gnóstico se defronta com o mistério do Gólgota. Vejam os senhores os ensinamentos gnósticos a respeito do mistério do Gólgota, que são muito horríveis para os teólogos cristãos da atualidade. A partir de antigos ensinamentos atavísticos ou a partir dos ensinamentos impregnados dessa força do pensar, foi dito muito grandioso e imponente sobre o Cristo, que hoje é heresia, uma terrível heresia.

Essa faculdade da força do pensar gnóstico diminuiu lenta e gradualmente. Ainda a vemos em Manes¹⁰ no terceiro século após o Cristo e como ela passa para os {NT: monges} cátaros, que, no sentido católico, nada mais são do que hereges. Aí {no pensar gnóstico} repousa uma grandiosa e portentosa concepção do mistério do Gólgota, que, curiosamente, como que se esvai nesses primeiros séculos e as pessoas utilizam o mínimo possível da perspicácia do pensar para compreender o mistério do Gólgota.

Dois lados lutaram entre si. De um lado, a doutrina gnóstica, que quer entender o mistério do Gólgota por meio de um poderoso pensar espiritual. Do outro, aquilo, que, contando que essa força do pensar não está mais disponível, contando com o pensar pouco perspicaz e com o que ainda virá, portanto, {pensa} o mais abstrato possível, oferece o mínimo para compreender o mistério. O segredo do Gólgota como segredo cósmico vê-se praticamente encolhido a umas poucas frases no início do Evangelho do João: o *Logos* {NT: o Verbo}, a sua chegada ao mundo, o seu destino no mundo, ou seja, o menor número possível de conceitos, pois conta-se com a força do pensar em decadência.

Assim, vemos como a concepção gnóstica do cristianismo vai se esvaindo e surge uma outra concepção, que quer fazer valer o menor número possível de conceitos. Mas naturalmente uma está entrelaçada à outra. Esses conceitos como o dogma da trindade e outros foram incorporados das visões gnósticas e embrulhados em conceitos abstratos e vazios. O realmente vivo é o que repousa na luta de uma genial concepção gnóstica do mistério do Gólgota com a outra concepção, que opera com o menor número possível de conceitos e que considera como serão as pessoas até o século XV, e como a velha força do pensar herdada aprofunda sua decadência e que, mesmo primitiva, deverá ser conquistada pela observação dos objetos no âmbito das ciências naturais.

Os senhores poderiam estudar esse processo etapa por etapa, poderiam estudar mesmo numa luta anímica interior, quando olham para Agostinho¹¹, que na sua juventude esteve em contato com o maniqueísmo gnóstico, mas, como não conseguiu digeri-lo, voltou-se para a chamada simplicidade, que opera com conceitos primitivos. Os conceitos tornam-se cada vez mais primitivos. Só que em Agostinho vê-se surgir o primeiro raio do sol da manhã daquilo que, por outro lado, deve ser conquistado: o conhecimento a partir do ser humano, a partir do ser humano concreto. Nos antigos tempos gnósticos, tentou-se esse caminho a partir do mundo e era dirigida ao ser humano. Daqui em diante, deve se partir do ser humano e, através do conhecimento adquirido pelo ser humano, chegar a conquistar o conhecimento do mundo. No futuro, será preciso partir do ser humano para o cosmos. Nos tempos antigos, partiu-se do cosmos para o ser humano. Certo tempo atrás, tentei discutir, tentei compreender, esse primeiro raio da manhã no ser humano. Ele se encontra, por exemplo, nas confissões do Agostinho, mas ainda é completamente caótico.

10 Manes ou Mani (215 depois de Cristo - 276) é considerado o fundador do maniqueísmo, uma corrente gnóstica.

11 Aurelius Augustinus (354 - 430) foi um patriarca cristão, considerado santo pela igreja católica.

O que realmente interessa é que a humanidade mostra-se crescentemente incompetente para receber aquilo que irradia dos mundos espirituais, que estava presente no passado sob a forma de uma sabedoria imaginativa, que agiu no gnosticismo, do qual sobrou a aguda força de pensar, que ainda existiu entre os gregos {NT: da antiguidade}. Portanto, na sabedoria grega ainda agiu muito dessa forma, mesmo que sob a forma de conceitos abstratos, que de certa maneira contêm as idéias para realmente entender o mundo espiritual. Isso acabou, não dá mais para entender o mundo espiritual a partir das idéias que justamente estão se extinguindo.

O curioso da época helenística é que as pessoas da atualidade podem desenvolver muito facilmente a impressão a respeito das {antigas} idéias gregas de que elas podem ser utilizadas para outros fins, diferentes para os quais foram utilizadas. Isto é infinitamente chamativo no caso de Aristóteles. É muito curioso. Os senhores sabem que existem tantos livros sobre Aristóteles, que só eles formam bibliotecas inteiras. Tudo o que provém de Aristóteles é interpretado desta ou daquela forma, as pessoas brigam entre si, inclusive se ele aceitou a {NT: idéia de a} reencarnação ou {de} a preexistência.

Isso é o resultado de que suas palavras podem ser interpretadas de uma forma ou de outra, porque ele trabalhou com um sistema conceitual que pode ser aplicado ao mundo supra sensorial, mas do qual {NT: Aristóteles} não tinha mais qualquer conhecimento próprio. Platão compreendia ainda isso e portanto é possível elaborar mais a partir de seu sistema conceitual. Aristóteles, porém, já estava preso a conceitos abstratos e, portanto, formava {conceitos}, mas não podia mais contemplar aquilo ao qual ele se referia com as suas formas de pensamento.

Destarte, é curioso que nos primeiros séculos ocorre uma luta da compreensão do mistério do Gólgota entre aquilo que ilumina esse mistério com a luz do mundo supra sensível e aquilo que se instala como a necessidade de rejeitar essa luz, necessidade que se transforma em fanatismo. Nem todo mundo compreende esta situação. Aqueles que a compreenderam não agiram de maneira honesta. Uma compreensão primitiva do mistério do Gólgota levou ao fanatismo, a uma compreensão que defendia raivosamente a utilização de uns poucos conceitos {NT: para entendê-lo}.

Vemos assim que, de certa maneira, o pensamento supra sensorial foi jogado cada vez mais para fora de uma visão crística de mundo, um pensamento que se extinguiu, que parou de existir. Eu diria que podemos acompanhar como o mistério do Gólgota se apresenta para as pessoas ao longo dos séculos como algo extraordinariamente significativo, algo que intervém no desenvolvimento da Terra, mas que desfaz a possibilidade de compreender o mistério do Gólgota a partir de algum sistema conceitual ou, se tanto, de compreender o mundo cósmicamente. Vejam os senhores como a obra *A divisão da natureza*, de Escoto Erígena¹², do século IX, ainda contém muitas imagens, que, mesmo sendo abstratas, constituem imagens de um devir do mundo.

Escoto Erígena apresenta belamente quarto etapas do devir do mundo, mas em geral comporta conceitos insuficientes. Vê-se que ele não está em condições de ampliar a sua rede de conceitos para tornar compreensível, plausível, aquilo que ele efetivamente quer sintetizar. Eu diria que os conceitos se apresentam como fios rasgados ao longo de toda a sua obra. É muito importante como essa situação se torna cada vez mais visível com o passar dos séculos e como, finalmente, esse fundo do poço de tecidos de fios conceituais chega ao século XV. A partir daí, começa novamente a ascensão, mas que fica presa ao mais elemental possível.

12 João Escoto Erígena (810 – 877) foi um filósofo e teólogo {NT: cristão} nascido na atual Irlanda.

É muito significativo. De um lado, o mistério do Gólgota está aí, as pessoas se orientam na sua direção, mas, ao mesmo tempo, declaram que não é possível entendê-lo. Gradualmente, cresce a impressão de que não é possível entendê-lo. Por outro lado, surge a observação da natureza, que surge justamente na época quando os conceitos desaparecem. A observação da natureza adentra a vida, mas não existem conceitos para realmente apreender os fenômenos da natureza que se apresentam na observação da vida.

Esse é o elemento comum da virada da quarta para a quinta época cultural pós atlante no meio da Idade Média {NT: na Europa}, quando as pessoas não contam nem com conceitos suficientes da recém nascida observação da natureza, nem podem utilizar conceitos suficientes na revelação das verdades redentoras. Vejam os senhores a escolástica, que operava no mundo dessa época. De um lado, ela contou com a revelação, mas não conseguiu formular conceitos a partir dessa época para trabalhar essa revelação religiosa. A escolástica teve que utilizar o aristotelismo, que deve ser renovado. Para isso, lançou mão do helenismo, do Aristóteles, para chegar a ter os conceitos para penetrar essas revelações religiosas. A partir do pensamento grego {da antiguidade} foram trabalhadas as revelações religiosas, porque, utilizando um expressão paradoxal, o mundo nessa época não possuía discernimento.

Justamente aquelas pessoas que agiram mais seriamente, os escolásticos, não utilizaram o discernimento da época, porque ele não existia nesse então, porque não fazia parte da cultura dessa época. Eles utilizaram antigos conceitos aristotélicos tanto na explicação a partir a natureza, que foi a atitude básica entre os séculos X e XV, como foi o caso dos escolásticos mais sérios, quanto para formular as revelações religiosas. Somente depois desse cinzeno abismo espiritual surge um pensamento autônomo, que por sua vez até hoje ainda não foi suficientemente desenvolvido. É o pensar copernicano, o pensar de Galileo, que deve ser cultivado ainda mais para, por sua vez, elevar-se às regiões supra sensoriais.

É assim que, de certa forma, pode-se olhar no interior do Eu do cristianismo, que apenas se cobriu com a alma judaica, com o espírito grego e com o corpo romano. Mas, conforme o seu Eu, esse cristianismo deve levar em consideração a extinção da compreensão supra sensorial e, concomitantemente, deve deixar encolher a abrangente sabedoria gnóstica para, digamos, esse pouco que constitui o início do Evangelho de João. Fundamentalmente, o desenvolvimento do cristianismo vem a ser a vitória do Evangelho de João sobre o gnosticismo. Então naturalmente tudo caminhou para o fanatismo e o gnosticismo foi destruído a ferro e fogo.

Esses são os temas que fazem parte do nascimento do cristianismo. É algo que deve ser considerado quando se quer incorporar corretamente o impulso para desenvolver a consciência da humanidade, para o novo pensamento de Natal. Em compensação, devemos chegar a uma forma de conhecimento relacionado ao supra sensorial. Para isso, devemos contemplar o supra sensorial que age na essência humana, de forma a poder ampliá-la até o cósmico. Devemos conquistar a Antroposofia, a sabedoria humana, para poder gerar novamente o sentir cósmico. Esse é o caminho. Em tempos antigos, o ser humano conseguiu abranger o mundo, na medida em que as lembranças das vivências pré-natais chegavam à existência {NT: terrena} através do nascimento. Esse mundo, que era uma imagem do mundo espiritual, constituía para o ser humano daquela época uma resposta às questões que, por meio do nascimento, ele trouxera à existência {terrena}.

Atualmente, o ser humano encontra-se diante desse mundo, não traz nada consigo {do mundo espiritual através do nascimento}, tem que operar com conceitos primitivos, como aqueles utilizados na presente ciência natural. Ele precisa, por outro lado, elevar-se pelo esforço, deve partir do ser humano para ascender do ser humano ao cosmos. O conhecimento do cosmos deve nascer no próprio ser humano. Esta é uma parte do pensamento natalino, como ele deve se constituir no presente para que possa frutificar no futuro.

* GA 187 Como a humanidade pode reencontrar o Cristo? A tríplice sombria existência de nossa época e a nova luz do Cristo, Rudolf Steiner Verlag, Dornach, terceira edição, 1985.